

Temos aqui uma narrativa extensa, sugestivamente humana, aroma evocativo da nostalgia de outros tempos. Nada criamos sem a participação dos sentimentos que nos acompanham sempre, essas amálgamas da alma, fonte de nossa força existencial. Por isso, este livro impressiona, como resgate de experiências fortes da vida, bagagem de sonhos e decepções que envolvem o leitor numa rede de situações surpreendentes. Seu enredo apresenta as circunstâncias de um destino romântico, marcado de esperanças e enganos. O que é triunfante nele – a generosidade moral.

Escrever é depoimento e mensagem, memória revestida de imaginação. É passar adiante a experiência da via-sacra comum. Desse modo, Oswaldo Costa consegue, fluente e caudaloso, relatar suas histórias repletas de sentimento do mundo!

A gênese literária é um claro enigma, exige tempo e eternidade na sua urdidura criativa difícil. Não foi à toa, portanto, que Machado de Assis intitulou seu segundo volume de poesias de Falenas... Estava consciente das suas qualidades e equívocos, mas tudo era bastante promissor! Porque o segundo livro de qualquer escritor reflete a pretensão de trazer histórias extraordinárias. Assim, a obra *Janela do Tempo* aparece alvissareira, plena de panoramas pertinentes, romance identificado com a educação sentimental que tenta a análise psicológica, em contraste com seu arcabouço romântico, oriundo de um drama existencial. Consequentemente, razões de sobra tinha Goethe para afirmar que “o homem é sempre o assunto mais interessante para o homem”.

Não há idade certa para o despertar do engenho e da arte. Exemplo famoso é o de Saramago, o de Cora Coralina, ou agora o de Oswaldo Costa, romancista. A psicologia da composição medra silenciosa à espera de sua hora e vez, não assoma do nada inusitadamente – é uma conquista íntima da sensibilidade. Chega o momento certo e brilha a hora da estrela!

Miguel Satori

